

Ante o cadáver político dum cúmplice de assassi- nos!

O governo Domingos Pereira está agonizante, ou melhor, está morto. Contudo, é um cadáver que, por meras razões de ordem política, ficará em putrefacção no Terreiro do Paço até que se faça, segundo se diz, a eleição do novo chefe de Estado, visto que o sr. Teixeira Gomes caiu no desagrado do poder democrático, proprietário do regime.

O governo fica, para efeitos de *pim-pam-pum* político, a suportar as oposições esquerdistas que lhe vão malhar como em canteiro verde, a pesar de terem a certeza de que a sua pancadaria retórica não consegue galvanizar um cadáver. Ao ministério que agora cessou de facto cabem-lhe grandes culpas na situação dos que foram deportados sem julgamento e na dos presos que, apesar de já terem sido entregues aos tribunais, ainda estão entregues à polícia e sofrendo as inclemências do seu enclausuramento nos calabouços das esquadras. O sr. Domingos Pereira deixa um mau testamento político, em que não se encontram motivos para o considerarem pessoa correcta e abundam os que demonstram que ele nunca quis cumprir a sua palavra, sempre que deliberadamente a empenhou.

A sua promessa sobre a vinda dos deportados inutilizou-o moralmente, pelo que lhe agouramos um futuro político risonho e cheio das maiores prosperidades. E' pena que esse futuro que se anuncia com cores tão optimistas seja enegrecido pelos cadáveres dos deportados que dormem na Guiné seu derradeiro sono.

Não sabemos se esta ideia fará mossa na consciência do presidente agora defuncto. Nada temos com as apreensões da consciência do sr. Domingos Pereira e tão pouco nos interessa inquirir se de facto ele as sentiu. E' que a vida humana para o partido democrático, já antes da participação na guerra, constituiu objecto de mercancia. Naquele partido negociava-se com a vida do próximo como o mesmo sangue frio e a mesma naturalidade como se negociasse carnes para o consumo da cidade. E o sr. Domingos Pereira é *persona grata* do partido democrático.

As declarações que o chefe do governo fez pouco depois de tomar posse, acerca das deportações e dos deportados, foram concludentes. Considerou as primeiras uma medida iníqua e violenta, medida que ele nunca seria capaz de tomar. Quanto aos deportados, quanto às vítimas dessa medida, iam ter a reparação que mereciam; seriam mandados regressar à metrópole onde aguardariam o seu julgamento, sendo postos na rua aqueles cuja inocência se demonstrasse e condenados aqueles que tivessem praticado os actos delictuosos que as leis prevêem e punem.

Não é demais ter hoje recordado essas promessas para a elas mais uma vez se amarrar o chefe do governo. Se, neste país, um homem público que faltasse aos seus compromissos fosse responsabilizado pela sua versatilidade, o sr. Domingos Pereira ficaria, e para sempre, amarrado a um poste de ignominia. Se qualquer de nós tomar um compromisso e a ele faltar, os prejudicados gritarão logo e justificadamente que não temos dignidade; que somos uns tartufos e uns trapalhães.

Mas é um chefe de governo que comete essa gravíssima falta moral, a sua consideração política aumentada, o seu futuro fica solidamente cimentado. Dai o verificar-se nos que ascenderam às grandes posições uma carreira política cheia de máculas, vergonhosas.

Diz-se que António Maria da Silva será o chefe do futuro governo. Sai o caixa e entra o patrão, com um contingente de marcanos. E' devido a estas infâmias que na Guiné alguns dos deportados dormem naquele sono donde não se acordam mais. Quanto tempo será preciso esperar para varrer do Terreiro do Paço estes ministérios que são umas vezes de criminosos e outras de cúmplices, pelo seu servilismo e pela sua insensibilidade moral?

Os socialistas e o governo alemão

BERLIM, 7.—O jornal «*Germania*» considera indispensável a colaboração dos socialistas no novo governo e a participação dele dos populares com o sr. Stresemann.

CARTA DE ESPANHA A falência burguesa e o fracasso da ditadura atiram o país para o caos económico e político

Madrid, 1 de Dezembro.—Mais do que as bravatas de Primo de Rivera e dos generais do Directorio, podem as circunstâncias sociais, económicas e, mesmo, políticas que vêm lançando o país para a maior desordem.

O «deficit» orçamental atinge actualmente a soma insólvel de 650 milhões de pesetas. A economia espanhola asfixia e as importações excedem um terço, talvez mais, do total das exportações. A crise industrial agrava-se, estando a maior parte das fábricas em laboração reduzida a três dias por semana.

Os próprios estabelecimentos bancários abrem sucessivas falências: já saltaram o Banco de Barcelona, Banco de Castela, Banco de Gijón, Banco Vasco e União Mineira de Bilbao.

Ao mesmo tempo, a crise política atinge um grau de perigosa acuidade, a pesar-da ditadura, do servilismo dos socialistas e repressão contra-revolucionária. O rei Afonso, inspirado pelos jesuitas, patrocinou a organização do partido político da ditadura, a «União Patriótica», que pretende substituir os generais na vida política do Estado. O início da vida política desta União notabiliza-se pelo escândalo: O seu presidente está gravemente comprometido na quebra fraudulenta de uma grande empresa mineira.

Se bem que o rei e os generais sejam incapazes de debelar a tremenda crise que assombra o Estado, não lhes falta vontade de aniquilar toda a tentativa que não sirva a ditadura. As ideias revolucionárias, por exemplo, tomam incremento na mesma proporção do agravamento da situação económica e política de Espanha, a pesar-da repressão exercida pelos generais.

O terror militarista alastra até perseguir as universidades, onde se vem precipitando um irreprimível movimento de protesto contra a guerra de Marrocos.

Este movimento, a princípio, apenas se limitava ao protesto contra os métodos pedagógicos promulgados pelo Directorio, os quais se caracterizavam pelo seu espírito reaccionário. Ultimamente, tomou um carácter profundamente político.

A propaganda dos estudantes universitários, obstinava-se contra a guerra de Marrocos, «que desonra e arruína a Espanha e ultraja o povo do Rif, e esta guerra é o mais forte estimulante da revolta popular». Em face deste protesto, o Directorio começou perseguindo furiosamente os académicos os quais foram presos ou expulsos, em grande número.

Segundo declaram várias personalidades afeccionadas à ditadura, o movimento dos estudantes torna-se seriamente ameaçador para o futuro da monarquia, que deixou de contar com a preparação, competitiva naturalmente à mocidade académica, de uma cultura social e mental que assegure o domínio da burguesia inculta.

Rodolfo Os mineiros belgas contra a redução de salários

Os industriais mineiros da Bélgica pretendiam reduzir o salário dos operários de cinco por cento.

Os operários, como é justo, opuseram-se à redução, entendendo logicamente que os accionistas e proprietários têm mais largo fôlego para suportarem as dificuldades das grandes empresas industriais.

Devido à resistência dos mineiros, os patrões aceitaram um acordo provisório que vigoraria até 29 de Novembro último, a fim de se ganhar tempo propício a definitivas resoluções. Expirou, porém, o prazo sem que um acordo definitivo pudesse effectuar-se. Os patrões não desistiram da pretendida redução de salários e os operários, por sua vez, mantêm-se intransigentes na opposição.

Uma nova proposta acaba de ser feita pelos industriais: a redução de cinco por cento far-se-ia, não sobre o índice que regula o custo da vida, mas sobre o preço fixo do carvão extraído. Por uma contemporização exqu coasta, que só os militantes reformistas saberiam explicar claramente, os mineiros belgas, em vez de recusarem abertamente a proposta, pediram um prazo para reflectirem. Se, contudo o acordo se tornar impossível, o conflito desencadear-se-há, arrastando a luta cerca de 200.000 operários.

Em prol da instrução

Um apelo para ser ouvido por todos os amantes da instrução do povo

Da Associação dos Trabalhadores Rurais de Aldeia Nova de São Bento recebemos o seguinte apelo, que pelo aneio que revela de dar à tão explorada classe dos camponeses o necessário pão do espírito, bem merece a atenção dos nossos leitores.

«Tendo esta Associação fundado uma escola, cuja frequência é já de 50 alunos, entre adultos e menores, vemos-nos a braços com uma carencia absoluta de livros de ensino, não só por não existirem à venda nesta aldeia, como porque—e o que é o pior—a pavorosa crise que a classe rural atravessa não lhe permite o desvio para esse fim de qualquer importância.

Por isso apelamos para todos os homens amantes da instrução popular, a fim-de que nos auxiliem enviando-nos livros para as cinco classes de instrução primária, prestando assim um dos mais bellos actos de solidariedade e simpatia pela tão espinhosa classe dos camponeses. Todos os livros poderão ser dirigidos para a Associação dos Trabalhadores Rurais de Aldeia Nova de São Bento.—A comissão administrativa.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

A Escola Moderna atacada por um espírito regressivo

O correspondente ou pseudo correspondente do *Correio da Manhã* em Madrid que se dissimula sob o pseudónimo de José de Portugal conta, com o espanto digno dum pele vermelha, que em Fuenlabrada, aldeia de 2400 habitantes, foi descoberta, e imediatamente encerrada pelas autoridades, uma escola do tipo que o grande pedagogo Francisco Ferrer fundou. Essa escola, reportando-nos aos insidiosos dizeres do correspondente, era dirigida por um anarquista, advogado em Barcelona, e mantida por um membro dum Ayuntamiento, omitindo o nome de outros. Omitimos por nossa vez a série de dislates que são a sua narração dos métodos de ensino daquela escola, estando, porém, convencidos de que se trata apenas duma escola do tipo laico, destas que defendem os partidos e os regimes republicanos. Não vamos discutir o encerramento dessa escola, visto que é ponto assente em Espanha a supressão de todas as liberdades, incluindo a de ensino, mas não deixaremos passar em julgado os comentários feitos a Francisco Ferrer e à sua Escola Moderna.

A Escola Moderna de Barcelona nada tem com a *semana sangrenta*, visto que a guerra de Marrocos e o ódio aos jesuitas não foram por ela originados. Que teria que ver um método de ensino, que em Espanha pouco durou, com a guerra de Marrocos e com a revolta dos que não estavam dispostos a morrer pelas loucuras imperialistas desse perigosíssimo maníaco que é Afonso XIII? Francisco Ferrer nada teve que ver com esses acontecimentos pois limitava o seu desejo de progresso social a uma notabilíssima acção educativa. Condenado à morte sem provas, por um tribunal de excepção, foi fusilado a pesar dos protestos que emocionaram o mundo inteiro. A sua inocência foi há anos demonstrada, numa revisão cuidadosa do seu processo. Francisco Ferrer foi reabilitado por aqueles que o mandaram assassinar. O correspondente do *Correio da Manhã* é muito estúpido e muito sectário indo reeditar calúnias que a própria Espanha reaccionária já destruiu.

A Escola Moderna não prega o massacre de capitalistas nem tampouco se assemelha às que cultivam nas crianças instintos criminosos e as mais bárbaras superstições. Nessa Escola não se pregava o ódio, nem se mutilava a criança para a transformar num fantoche servil e fanático. Os seus métodos de ensino tinham em conta a sua débil cerebração e defendiam-na de problemas que não podem ser abrangidos por crianças de tenra idade. A Escola Moderna não criava manequins de hipocrisia e de cobardia, preparava homens capazes de, por múltiplos esforços, transformar o meio social. Que o correspondente do *Correio* pretenda que o ensino em Espanha continue sendo monopólio de jesuitas e seja exercido por irmãs de caridade como se fez em todas as cidades daquele país, compreende-se, tendo-se em conta o seu espírito acanhado, atrofiado e regressivo. Agora calunie e até revele ignorância é que é repugnante, revelando com isso a própria utilidade da Escola Moderna donde nunca poderiam sair criaturas vexas e estúpidas e fanáticas e mentirosas como ele...

Mussolini execrado pelos trabalhadores ingleses

Com altissonância anunciou Mussolini que iria a Londres representar a maior das Italias. Ao saberem deste intento, os operários ingleses apressaram-se a receber o ditador com manifestações de desagrado, considerando-o um «indesejável», não devendo, por isso, demorar-se em território britânico. Mussolini, porém, desistiu à última hora de se mostrar ao povo de Londres, assim dispensando a «carinhosa» e «triumfal» manifestação de acolhimento. E foi pena que desistisse...

Os jesuitas nos «Mistérios do Povo»

Começa hoje a publicar-se em «A Batalha» um novo capítulo da grande obra de Eugénio Sue «Os Mistérios do Povo».

Esse capítulo que pode ser lido independentemente do resto da obra, constitui um bom documento contra a acção perniciosa dos discípulos de Loiola.

O presente capítulo, contem na sua 1.ª parte os seguintes episódios.

Paris no XVI século.—As almas do Purgatório.—A venda das indulgências na igreja de São Domingos.—O confessorio.—O sistema de domesticar os homens, as mulheres e os cavalos.—Os senhores na orgia.—As pedreiras de Montmartre.—A Companhia de Jesus.—O juramento de Santo Inácio de Loiola e os seus dez discípulos.

A todos os nossos leitores recomendamos o nosso folhetim.

Notas & Comentários

Um «sedento» de asneiras

O Diário da Tarde, com um furor dicionarista em tudo digno das antigas mestras régias da provincia de Trás-os-Montes, analisando um apelo da Federação Corticeira afirma que dizer «sedento de pão e de justiça» é escrever tolice e desmarcada tolice. Para não ficarmos atrás do sueltista fomos ao dicionário do sr. Cândido de Figueiredo e encontramos, entre muitos, os seguintes significados de sedento, quando empregado em sentido figurado:

Sedento: Que tem grande desejo ou avidez.

Ora dizer que quem não tem pão o deseja avidamente não é pronunciar tolice alguma. Quando se diz, e o sueltista do Diário da Tarde como toda a gente tem-no dito muitas vezes, sedento de justiça não significa que a justiça mata a sede, nem se depreende que ela seja um líquido capaz de substituir a água com vantagem. E quando se diz sedento de amor não se conclui que o mais nobre sentimento humano faça qualquer espécie de concorrência à tervaça Estrela e às limonadas gasosas.

Estamos convencidos de que o arvorado professor de meninos pequenos perdeu uma excelente ocasião de estar calado, tanto mais que não possui nenhum predicado que possa tornar-nos sedentos de conversar com ele...

Todos os meios são bons...

Dário Nôvoa, que a Câmara Sindical do Trabalho recusou no seu seio a todas as suas afinidades políticas acaba de justificar duma maneira eloquentíssima a decisão do organismo central do operariado cidadão. Para vencer a eleição na junta de freguesia das Mercês, Dário Nôvoa não teve pejo em coligar-se aos monárquicos embora isso passasse muito no seus pruridos jacobinos.

Dário Nôvoa provou com a sua ambição que nem só os jesuitas para atingirem os fins consideram bons todos os meios.

Noticia infundada

Carece de fundamento a noticia inserta no Diário de Lisboa da aceitação, por parte da classe dos barbeiros, da baixa de 30%, nos salários. E' tão infundada aquela noticia quanto é certo saber-se que a Associação de Classe dos Operários Barbeiros acaba de revalidar as reclamações apresentadas em Outubro do ano passado ao patronato da respectiva classe.

Os capitalistas franceses sacrificam a Síria aos seus interesses particulares

A França sacrifica milhares de homens, faz despesas formidáveis e afronta um povo que reclama a sua independência, para defender na Síria a «honra da pátria»? E por que defendem os franceses a «honra da pátria» num território longínquo e separado pelos mares, contra uma população bem diversa e sem a menor afinidade de carácter ou civilização com o povo francês?

Verdadeiramente, são os interesses do capitalismo e da industria que os soldados franceses impõem aos sírios revoltados. Comerciantes e industriais franceses, com a sua rapace actividade, ganharam na Síria um lugar proeminente, uma situação económica e financeira que lhes acumula formidáveis riquezas. Os números das estatísticas comprovam facilmente o interesse do capitalismo francês em jugular os assomos de independência do povo sírio.

Durante o ano de 1924, a Síria exportou, por conta dos comerciantes franceses, seis e meio milhões de casulos e vinte e seis e meio milhões de fios de seda. No ano corrente, esperam os negociantes exportar seis mil caixas de algodão, quatrocentas toneladas de folhas de tabaco e incalculável quantidade de trigo. Os lucros desta pirataria são fabulosos: cento e catore milhões de francos denuncia a rubrica dos produtos exportados da Síria para a França.

No desenvolvimento da industria francesa, os construtores de caminhos de ferro têm um largo futuro. Surgem projectos maravilhosos: uma linha ferroviária de Beyrouth a Tripoli, outra de Beyrouth a Caiffaz, e ainda outras de Tripoli a Caiffaz e de Constantinopla ao Cairo!

O sírio reberitaria de esforço para realizar estes projectos maravilhosos—mas, finalmente, rebentou de revolta contra os dominadores estrangeiros. Os revoltosos vieram pôr em perigo o interesse do capitalismo francês—a honra da pátria francesa—que em empresas industriais e financeiras emprega um capital superior a 250 milhões de francos, ou sejam, cerca de 200 mil contos.

Esta monstruosa soma é distribuída pelas obras dos portos, caminhos de ferro, empresas industriais, estabelecimentos comerciais, explorações agrícolas, companhias de navegação, etc. O movimento de mercadorias é intenso, principalmente, nos portos de Beyrouth, Tripoli e Alexandrette, de onde partem navios de comércio carregados de riquezas roubadas para os diversos países do mundo.

Sempre insaciáveis, os capitalistas franceses detêm seis décimas do total da divida turca que é por consequência arbitraria, parte responsável a Síria juglada.

Em suma, estes factos denunciam flagrantemente o interesse criminoso e desumano, que o capitalismo francês alimenta, de se manter a Síria em estado de guerra, com o sacrificio bárbaro da vida de milhares de homens que nenhum proveito tiram do espelhar brutal de um povo que tem inconsciente direito a ser independente.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Tendo sido enviado a todos os organismos aderentes mapas de inquérito para serem preenchidos até ao dia 25 do corrente mês, este organismo pede a todos os que ainda não enviaram os respectivos mapas que os enviem até à data acima mencionada para que, no próximo mês de Janeiro, possam ser publicados em O Construtor.

Foi ontem encerrado o Banco Angola e Metrópole

O caso do dia de ontem, foi o encerramento do Banco Angola e Metrópole e a existência em circulação de notas falsas de 500\$00 segundo versão dum matutino daquele banco.

Não vamos hoje apreciar na sua amplitude o escândalo que encerra a medida policial. Será objecto duma mais larga análise que não cabe em simples notas de reportagem. A nossa missão de hoje é informar os leitores dos factos que se passaram ontem e que deram motivo ao acontecimento acima referido.

Vamos referir-nos primeiro às prisões efectuadas.

Em Lisboa: Francisco Augusto Ferreira Júnior, Virgílio Alves dos Reis e José dos Santos Bandeira, directores do Banco Angola e Metrópole. O primeiro, foi preso no sábado, o segundo, foi preso ontem a bordo de um góndola que o trazia do paquete alemão «Adolph Wermann», de onde regressava de Africa onde fora em missão do mesmo Banco. O terceiro, que era activamente procurado, foi preso esta madrugada na sua quinta do Conventinho, perto de Loures, pelo capitão Teodorico dos Santos e tenente Jorge de Carvalho, da Polícia de Segurança do Estado.

No Porto foi preso o sr. Adriano Silva, gerente do mesmo Banco, e detidos os srs. Gabriel e David Pinto da Cunha, gerentes da casa bancária José Pinto da Cunha, Sobrinho, da rua de Sá da Bandeira, e o sr. Alberto de Sampaio, empregado superior dessa casa. Também foi preso, e depois posto em liberdade, o empregado superior do Banco Angola e Metrópole, sr. Justino de Moura Coutinho.

Os 7 presos encontram-se incomunicáveis.

O encerramento do Banco Angola e Metrópole foi feito às primeiras horas do dia. Um jornal da tarde, numa entrevista que fez com o sr. João Manuel de Carvalho, pela boca do chefe revolucionário do movimento de 10 de Dezembro de 1923 informou os seus leitores do seguinte:

«Este caso do Banco Angola e Metrópole tem de dividir-se em duas partes. A primeira, diz respeito à aquisição do capital. Como, a quem, e com que fins e condições ele foi adquirido? A segunda, refere-se às notas falsas. Quem as mandou fazer? Foi o Banco? Foram apenas duas ou três pessoas, cujos nomes têm figurado nos jornais—sem conhecimento de qualquer das restantes que faziam parte do Banco?

E as notas foram feitas antes da fundação ou continuavam a fabricá-las agora? Isto, ainda não o sabemos nós—e cremos que não o sabe ainda completamente a policia.»

Do mesmo vespertino extraímos também a seguinte informação:

«Todo o dinheiro de que a tesouraria do Angola e Metrópole dispunha actualmente tinha vindo do Banco de Portugal.

O facto, o que prova é que o dinheiro falso já tinha saído todo, ou quasi todo, do Angola e Metrópole; e agora, passada a candonga, se o termo é próprio, o dinheiro que anda em movimento já era todo bom.

A inundação de notas falsas foi tal, que o próprio comandante sr. João Manuel de Carvalho, dos corpos gerentes do Banco, quando há dias recebeu os seus vencimentos no ministério da Marinha pagaram-lhe com dinheiro falso.»

«Mais uma informação que reputamos interessante:

Raros são os accionistas do Angola e Metrópole que tiveram tempo de entrar em caixa com a importância das suas acções.

Porque procurassem evitar o pagamento? Nada disso. Porque o próprio Angola e Metrópole declarava não precisar de dinheiro.

Parece, pelo visto, que o que mais o interessava eram os nomes das pessoas chamadas a cooperar na vida social do estabelecimento.

Ao sr. João Manuel de Carvalho, por exemplo, quando foi para entrar com a importância de 100 acções que lhe haviam atribuído sem o consultar, respondeu-lhe com insistência:

—Não entre! Não entre com o dinheiro, que não é preciso!

O accionista objectou que, se não precisavam do seu dinheiro, também não queria pertencer ao Banco, e só assim conseguiu que lhe aceitassem o pagamento, acção de que se arrepende agora amargamente.»

No Banco de Portugal começou hoje a troca de notas de 500\$00 do padrão apontado pela administração. Muitas pessoas acorreram à sede na rua de São Julião, e teve de se fazer bicha, que a certa altura foi desdobrada.

A policia, na busca que fez na sede do Angola e Metrópole, também encontrou notas falsas de mistura com outras verdadeiras.

O que disse o sr. Luís Viegas, inspector do Comércio Bancário:

—Por enquanto, apenas isto: Encerramos o Banco e ordenamos a suspensão de todas as operações que lhe digam respeito—tanto no país como no estrangeiro.

EM PORTIMÃO

N. G. N. R. agride presos robaramente

PORTIMÃO, 6.—O pessoal da industria de conservas foi reclamar junto do delegado do governo contra as violências que ultimamente se têm cometido no posto da G. N. R. Os soldados desse posto adoptaram ultimamente o canibalesco hábito de agredirem os presos que para lá são conduzidos. Ultimamente o nosso camarada Gonçalves, estivador, foi lá violentamente agredido, apresentando várias contusões pelo corpo.

As classes da industria de Portimão reuniram em assembleia geral os VII. ram indignadamente contra as) doze cometidas pela guarda republicana.

A luta gigantesca dos tanoeiros de Vila Nova de Gaia

Os tanoeiros de Vila Nova de Gaia desde o dia 7 de Outubro que se encontram em greve. Das causas que determinaram o seu movimento, já o respectivo sindicato operário deu conhecimento à imprensa e em manifestos distribuídos ao público. Todavia não é demais que nos demoremos analisando as causas da greve e os seus terríveis efeitos na classe de tanoaria, uma vez que esta greve está vitimando 25.000 pessoas.

A greve dos tanoeiros de Vila Nova de Gaia é, sob todos os aspectos, um movimento dos mais valiosos e que sobremaneira honra a classe que nele se lançou. O regresso à procedência do vasilhame que transporta os vinhos para o estrangeiro é, pelos exportadores ingleses, intransigentemente defendido. E' dizer: Um casco destinado a Inglaterra, segundo o critério dos exportadores, deve voltar a Portugal vazio a fim de ser novamente cheio e reenviado àquele país.

Os tanoeiros que eram seriamente lesados por esta medida, denominada em gíria profissional de vasilhame de torna-viagem, de há muito tempo que vinham defendendo a proibição da entrada do vasilhame que de Portugal tivesse saído para o estrangeiro.

As coisas mudaram depois da guerra, e os desejos dos tanoeiros foram preteridos. Como o torna-viagem fôsse um dos principais—senão o principal—factores da crise de trabalho tão aguda na industria de tanoaria, o Sindicato dos Tanoeiros de Vila Nova de Gaia, um dos principais centros industriais, resolveu reclamar junto do governo contra o vasilhame de torna-viagem. A reclamação não foi atendida, e os operários lançaram mãos do principal recurso—a greve, no dia 7 de Outubro. Isto é, há dois meses.

Há 60 dias que os tanoeiros firmes como um só homem lutam demodadamente para que acabe o vasilhame de torna-viagem, para que se não permita a importação da cascaria, anteriormente tão combatida pelos exportadores.

No decorrer desta gigantesca greve o governo só teve uma única atitude, uma atitude de subserviência só própria de raícos: Proteger os exportadores ingleses, defender os interesses dos capitalistas britânicos embora sossobrem a fome 25.000 almas, embora 25.000 bocas não tenham que comer.

Especialmente tratando-se de Inglaterra ou dos interesses dos seus subditos, os governos portugueses são duma subserviência só comparável à de exemplares da raça canina...

A-pegar-de assistir aos tanoeiros a justiça reconhecida por um diploma que vigorou durante a guerra e a que atrás se faz referência, os governos, as autoridades, enfim toda essa camarilha interessada em combater os grevistas, estão prestando um apreciável serviço aos exportadores ingleses que conseguem erguer vivida a frase de Oliveira Martins: «os portugueses são vassallos da Inglaterra!»

Embora os tanoeiros tenham contra si governo e autoridades, a sua greve mantém-se estoicamente, mantém-se com a galhardia duma classe que não treme perante as armas, que não verga perante ameaças.

A guarda republicana agrediu com furor tigrino alguns grevistas, esportulada, segundo afirmam os tanoeiros, pelos exportadores ingleses. Este gesto indigno só teve o condão de unir ainda mais os grevistas. Foi mais um elemento tirânico que lhes apareceu, e como tal os grevistas o encararam, longe de esmorecerem como, de certo, contavam os bárbaros agressores.

Outras contrariedades têm surgido no decorrer destes dois meses de luta, contrariedades sempre vencidas pela tenacidade, pelo estoicismo, pela bravura—porque não dizê-lo!—dos heroicos tanoeiros que afirmam numa maneira iniludível as suas grandes virtudes de resistência, as suas altas qualidades de combatentes.

Quando uma classe reúne em sua volta um tão avultado número de predicados morais tem como certa a vitória, embora só se consiga com heróico sacrificio como o que de Bozuspensando os valorosos tanoeiros de Vila Nova de Gaia.

Na Penitenciária de Lisboa

Uma carta que põe em relevo os bárbaros castigos infligidos aos pobres reclusos

Continuamos a receber, quase diariamente, da Cadeia Nacional, conhecida também por Penitenciária de Lisboa, as mais aterradoras notícias sobre os castigos infligidos aos pobres reclusos. A carta que a seguir reproduzimos é a mais clara demonstração da tragédia que se vive naquele estabelecimento prisional.

El-la: **Senhor director de «A Batalha»**.—Porque não será inconveniente a divulgação de certos factos anómalos acontecidos na Cadeia Nacional, sobretudo no que concerne a sanções arbitradas a presos, eu vos solicito a publicação desta carta.

O recluso n.º 257 tentou há tempos escapar-se à tortura que só por si é o regime celular.

Malogrrou-se a tentativa e como à amargura do insucesso é costume adicionar o tormento físico e moral das celas fortes, foi ali encerrado.

São estas celas lugares asquerosos que alguns directores, contando o actual, num prurido fugaz de humanitarismo—o humanitarismo platónico com que inflam suas afirmações e seduzem basbaques—ensaiaram abolir de entre os instrumentos de repressão.

Na vigência do director actual, creio ter havido um certo espaço de tempo em que nenhum recluso habitou as ditas celas. Essa determinação, porém, breve foi letra morta como fôra efêmero o rebate de piedade.

Assim, em geral, uma fuga, quer gorda, quer haja logrado êxito, acarreta aos autores uma trinta de dias em cela forte.

Pois o 257, mais os outros implicados, expiaram os 30 dias, no decorrer dos quais ele experimentou dores de estômago de tal acuidade que um companheiro se prestou a fazer-lhe chegar todos os dias um pão fino, visto atribuir seu mal ao pão fornecido pela cadeia, à data uma poeira intragável.

Alguém que proclama sua intrepidez face às balas de papel, supoz no pão anódino a hidra—quinta um recurso à Ponsão para nova tentativa. —e o 257 que coma a poeira. Há por modos uma parcela da Humanidade que não avêza direito de se queixar das visceras—que outra parcela pode tratar com extremos de solicitude, com frequência em detrimento de outros órgãos...

Um recluso, o Barreiros, compadecido e revoltado, escreve à *Batalha* protestando. A Penitenciária vem um enviado do jornal tirar o caso a limpo. Perante ele tudo são condescendências, protestos de benevidade do diabo a sete. A revindita, o desforço reles, surgiu depois, expiados os 30 dias de cela forte, em outros 30 de cela de habitação que já está remido.

Porquê mais este castigo sobre tão áspera provação?

Porque—não vislumbro outra determinante—se protestou contra a desumana atitude da impávida criatura que zomba das «balas de papel».

Para coroar—atentem bem nisto os mais reatários à indignação!—chapeiam-se de ferro as portas das celas que, remido o castigo, irão habitar; obturam-se os respiradouros (isto uma tática reabilitação do Santo Ofício); revestindo desta arte a vigilância um aspecto inquisitorial, implacável—obsessão que alucina e sensação de perigo iminente que esfuria, pelo instinto inato de defesa.

Inutilizam os ventiladores da cela, onde se abafa no estio.

Eis um requinte de barbarie industrial que requer os emboras.

Assim lançados é natural um refinamento gradual destes processos até à perfeição absoluta. Manual, dado o «savour faire»—ingénio daquela fauna, desde já o reputo prescindível.

E tudo isto, e tudo o mais, se pratica invocando a cada passo a Direcção, o Director, o Regulamento—o Regulamento que prescreve formalmente que o recluso prevaricador não deve permanecer mais de 14 dias na cela forte, e que uma vez reconhecida a necessidade de mais dura sanção, esta deverá ser arbitrada com o beneplácito prévio do ministro da Justiça.

E ponto por hoje.

J. MELO
A RENOVACÃO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

UMA SELVAJARIA VULGAR...

Ontem, perto da meia noite, quando João Mendes Pires, empregado ferroviário da C. P., se dirigia para o seu serviço, foi, ali pelas alturas da rua Alves Correia, abordado por quatro polícias comandados por um chefe que, sem mais trize nem quarte, lhe deram voz de prisão. Com o mesmo despotismo e como se não bastara a violência da prisão injustificada, os quatro «mantenedores da ordem» agrediram-no selvaticamente a «casse-tête», só depois o deixando seguir o seu caminho.

O agredido não pôde conhecer os seus agressores, sabendo apenas que dois dos polícias trajavam à paisana e o chefe usava a farda.

Sinal dos tempos... em que outra coisa se não pode esperar duma polícia recrutada de entre «apachecos».

E continua...

Serviço de trens de aluguer

A Associação de Classe dos Proprietários de Trens de Aluguer submeteu à apreciação da Câmara Municipal de Lisboa a seguinte tabela de preço de trens de aluguer que aquela instituição aprovou por unanimidade:

TABELA N.º 1—Primeira hora, 18\$000; por cada hora seguinte, 12\$000; por cada meia hora a mais ou fracção depois das primeiras horas, 9\$000; idem depois das 3 primeiras horas, 6\$000. Qualquer tempo de serviço além de 15 minutos é para todos os efeitos considerado como meia hora e quando não exceda a meia hora e seja dado por terminado fora da área da cidade, o aluguer terá de pagar o retorno do carro pelo preço duma corrida, desde que não tenha sido feito ajuste especial.

TABELA N.º 2—Serviço de corridas por zonas—Pôr a todos os trens no centro da cidade até ao Tivoli, praça da Alegria, praça Luís de Camões, cais do Sodré, cais da Arca, Madalena e largo do Intendente, 5\$000. Conde Barão, praça das Flores, praça Rio de Janeiro, praça Brasil, praça Duque de Saldanha, Estrela, e até ao fim da avenida Almirante Reis, 10\$000. Graça, Alto da Pina, Santa Apolónia, Arreiro, Campo Pequeno, Campolide, Campo de Ourique, Estrela, Lapa e até às antigas portas de Alcântara, 15\$000. Santo Amaro até ao Depósito do Ultramar, à Junqueira, Campo Grande e Jardim Zoológico, 20\$000. Belém e Ajuda, 25\$000. Poço do Bispo, Lumiar, Benfica e Algés, 30\$000.

Serviço de cais ou de estações—O serviço de cais ou de estações não será considerado como corrida mas sim como uma hora de serviço, sendo a bagagem transportada gratuitamente o seu peso não seja superior a 30 quilos; sendo o peso superior a este e até 60 quilos, será o preço do aluguer do trem acrescido de 5\$000. Quando o peso seja superior a 60 quilos, ajuste especial.

Corrida de retorno—Quando o trem se dirigir para o centro da cidade e não leve sinal de impedido, o aluguer pagará: dentro da antiga área, 5\$000; dentro da nova área, 10\$000. Diz-se corrida o serviço de transporte duma ou mais pessoas dum ponto ao outro da cidade sem parar no caminho e ainda quando havendo paragem ela não seja ordenada pelo aluguer.

Esta tabela é aprovada com a seguinte alteração acerca do serviço de cais ou estações apresentada pela comissão de posturas:

«O serviço de cais ou de estações não será considerado como corrida mas sim como hora de serviço, sendo gratuito o transporte de bagagem que não exceda o peso de 30 quilos; e, quanto ao segundo, que igualmente mereceu a nossa aprovação das respectivas tabelas, eliminando todavia o que se propõe no respeitante a «serviços para fora de Lisboa» e devendo substituir-se o que está subordinado à epígrafe «Suplementos» por: «É gratuito o transporte de bagagens cujo peso não seja superior a 30 quilos.»

APOLO

Efectua a sua festa artística na noite de 10 o magnífico artista Alves da Cunha, subindo à cena o esplêndido drama de Zola A TABERNA.

Centenário da Régia Escola de Cirurgia

Em comemoração do 1.º centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa realizam-se hoje as seguintes solenidades:

A's 9 horas—Visita clínica pelo professor David Pinto de Moraes Sarmento, ao Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas, ao Régio. Esta visita realiza-se todos os dias, à mesma hora, excepto aos domingos e dias feriados.

A's 10 horas—Lição pelo professor Roberto Chaves: «Estado coloidal e fisiologia da célula»—Anfiteatro do Instituto de Fisiologia da Faculdade.

A's 10,30 horas—Consulta do professor Gama Pinto—Instituto Oftalmológico.

A's 11,30 horas—Lição pelo professor D. Tomás de Melo Breyner: «A Terapêutica moderna da sífilis»—Anfiteatro do Instituto de Fisiologia.

A's 17 horas—Conferência pelo dr. Carvalho Dias: O professor Tomás de Carvalho—Mesmo anfiteatro.

A's 21 horas—Conferência pelo professor Sílvio Rebelo: «Os factores bioquímicos e equilíbrio vegetativo»—Anfiteatro do Instituto de Farmacologia da Faculdade.

Récita dos médicos

Prosegue com a maior actividade os ensaios da revista *Medicina Caseira* que os ilustres clínicos Xavier da Silva e José Fernandes escreveram e que o dr. Duarte da Silva, bom médico e bom músico, recebeu de música agradabilíssima.

A revista é uma deliciosa charge de assuntos médicos susceptível de ser compreendida por todo o público, e será levada a efeito num dos nossos primeiros teatros no próximo dia 18 do corrente.

Entre os médicos que tomam parte na representação, citaremos os nomes dos drs. José Fernandes, Manuel Magno, Carlos Santos (filho), Sousa Pereira, Roberto Chaves, Francisco Seia, Sá Teixeira, Carlos Godoy, Formosinho Sanches, Dias Coelho, Pina Junior, Carlos Novais, Salter Clá, Couto Viana, Vítor Fontes, Simões Raposo, Raul Faria, José Picoto, Mota Capitão, Vargas Moniz, etc., e bem assim um grupo de mécas distintas de Lisboa.

A marcação de bilhetes pode desde já fazer-se na Faculdade de Medicina, Campo dos Martires da Pátria, todos os dias, das 21 às 0 horas, período em que se realizam os ensaios.

O produto da récita é para fins de beneficência, da própria classe médica.

AMANHÃ

Reprise da sensacional

SEVERA

em que ESTER LEÃO interpreta para que cotagonista

OS QUE MORREM

Sebastião Ferreira

Sebastião Ferreira, o nável tipógrafo tão querido da classe tipográfica finou-se no domingo, após um prolongado sofrimento. Sebastião Ferreira trabalhava no quadro tipográfico do jornal *O Dia* onde era muito estimado pelos seus companheiros de trabalho.

A tuberculose, a cruel doença que vitima os componentes da laboriosa classe tipográfica, vitimou o jovem trabalhador que há cerca de 4 meses estava sendo auxiliado pelos seus camaradas de profissão. Cuidados de amigos, atenções de camaradas tudo foi infrutífero, tudo foi inútil. O bárbaro bacilo de Koch prostrou-o para sempre, deixando os seus amigos na mais profunda desolação.

O funeral de Sebastião Ferreira realizou-se ontem, para o cemitério oriental. Nele fizeram-se representar a Associação de Classe dos Compositores Tipográficos por Ernesto de Carvalho, e os quadros tipográficos dos seguintes jornais: *A Batalha*, por Luís Gomes Adão; *Diário de Notícias*, por Tomás de Aquino; *Novidades*, Júlio Silvino dos Santos e Leonel da Silva; *Mundo*, João Pereira, João Camacho e Luís Pinto; *Rebate*, José Ermida; *Diário da Tarde*, Basílio das Neves; e pelo quadro da Biblioteca Nacional, Joaquim Rodrigues Castelo.

O *Dia* fez-se representar pelo sr. Luís Figueiras.

Faleceu ontem vitimado por uma tuberculose pulmonar o tipógrafo Franz Hub, que fez parte do quadro tipográfico de alguns jornais de Lisboa, era cunhado de Jaime de Sousa, tipógrafo da Empresa Limitada.

Franz Hub, filho de pais austríacos, era muito estimado pelos seus colegas.

O funeral do desditoso trabalhador gráfico realiza-se hoje, pelas 13 horas, saindo o préstito funebre da rua da Palmeira, 40, 2.º, para o cemitério da Ajuda.

Militina Júlia Marques Mota
Na sua residência, travessa de São Plácido, 52, r/c, faleceu ontem a sr.ª D. Militina Júlia Marques Mota, sogra de Jacinto Carreira Guebara, tipógrafo do Suplemento de *A Batalha*.

O funeral realiza-se hoje pelas 14,30 horas, da morada acima para o cemitério do Alto de São João.

Raúl Duarte
Realizou-se no passado domingo o funeral deste prestimoso camarada, com grande acompanhamento de estivadores, descarregadores de mar e terra, pessoal dos tabacos, metalúrgicos, muitas senhoras e amigos.

Fez-se representar a Associação de Classe dos Pintores de Construção Naval e Anexos.

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE
Espectáculo de sensação
NA JAULA DOS TIGRES
entrará denodadamente
UM JORNALISTA PORTUGUÊS

Segunda apresentação dos magníficos números
Batuda Americana—M.ª Olga
3 cavalos em liberdade 3

O rei da temeridade OTAGO BILL
e todas as atracções e novidades da
Grande Companhia de Circo

AGREMIACÕES VARIAS

Secção portuguesa do Socorro Vermelho Internacional—Pelo secretário geral do comité cessante do Socorro Vermelho, foi dada posse ao novo comité central desta instituição, recentemente eleito na sua conferência nacional, tendo este comité retido para a distribuição de cargos que deu o seguinte resultado:

Secretariado geral, José de Sousa; secretário adjunto, Manuel Mafra; secretário da imprensa, José Ramos; 1.º vogal, Ernesto Bonifácio; 2.º vogal, José Martins. Secretariado administrativo: 1.º secretário, Manuel Jorge da Costa; 2.º secretário, Mariano Garcia; tesoureiro, H. Augusto Ferreira. Secretariado de Socorros: secretário jurídico, dr. Fernando Mota; secretário de encarcerados, E. Guilherme de Almeida; secretário de perseguidos e emigrados, H. Caetano de Sousa; secretário de famílias, Francisco Gonçalves; vogal, José de Almeida.

Em seguida foi deliberado instalar ainda esta semana os secretariados e enviar uma saudação aos organismos operários e às organizações do Socorro Vermelho.

O secretariado geral reúne hoje e bem assim o secretariado de socorro.

Segundo informações autorizadas dos espanhóis refugiados em França, Restitudo Mogrovejo, que há cerca de dois anos se encontra em Lisboa, é indivíduo contra quem todas as organizações se devem precaver.

Tendo arrancado aos ditos refugiados várias quantias, alegando que se destinavam à propaganda, gastou-as em proveito próprio. Para conseguir obter essas quantias constituiu-se num pseudo comité e adquiriu um carimbo que lhe servia para autenticar as bulas que cometa.

GINNASIO

Barbara Volckart continua; sendo aplaudidíssima todas as noites neste teatro, no interessante papel que interpreta com tanto brilho.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Salão Foz

«Pirolito», de Pedro Bandeira e Alvaro Leal, música de Angel Gomez e Raúl Ferrão

A empresa do Foz, cuja tenacidade tem podido sustentar os espectáculos de variedades que insistentemente ali se exibem, durante todo um ano, entendeu que devia agora achar uma variante com uma sucessão de seis quadros, mais ou menos revista, e de que são autores Pedro Bandeira e Alvaro Leal, com música de Angel Gomez e Raúl Ferrão, e que se intitula «Pirolito». A boa diligência da empresa Emauz, sempre solícita em apresentar espectáculo variado e de bom gosto, não correspondem muito bem os autores da «blueette». O espectáculo é forçado, a música dos vários números excessivamente repitada. Os melhores são os do «bisbilhoteiro», bem feito por Reginaldo Duarte, do «pipi» pelo mesmo actor e a «telhada» por Maria de Lourdes Cabral, este último principalmente mau de carácter. Os bailarinos tussos que há tempo trabalham no Foz preencheram alguns números de dança excentrica, com agrado geral. No desempenho o *compère* houve-se abalhoadamente, sendo correto o trabalho de Milly Portela, Holbeche Bastos e Dora Vieira.

Nogueira de BRITO

No Trindade

A opereta de Franz Lehar, «Clô-Clô-Alegre», foi interpretada mais uma vez em Portugal, agora no Trindade, na opereta «Clô-Clô». Deve acentuar-se que esta partitura não é das melhores do famoso músico, sem contudo pertencer ao número das que menos acceitam têm tido. A garra do maestro vienense sente-se bem no decorrer da opereta. A maneira de orquestrar, o sistema de melodismo patenteiam-se constantemente e sobretudo nota-se o traço muito pessoal que caracteriza todas as composições de Franz Lehar.

Todas as operetas vienenses assentam em geral sobre temas de valsa e no «Clô-Clô» não se foge à regra estabelecida. Dois outros motivos essenciais desdobram-se em composições mais genéricas e a opereta desliza assim, sempre harmónica na referência dos seus principais motivos.

O desempenho principal, cometido a Alves da Silva e Cremilda de Oliveira, teve pouco relevo, principalmente da parte do primeiro, precipitado e nebulosíssimo na dicção. Joaquim Prata e Maria Pinto deram a nota cômica com bastante naturalidade. A massa coral tocou os extremos, ora muito incerta ora bastante segura. Esteve como estes dias de Dezembro, ora sol ora chuva.

Os restantes artistas deram o melhor quinão da sua arte, devendo salientar-se Henrique Alves. A orquestra afinada. A marcação como sempre graciosa.

N. de B.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Além do por excelência o concerto da Orquestra Sinfónica Portuguesa de domingo, Haendel, Wagner, Brahms, Beethoven (passa este último). Está dito tudo acerca da «Leonora» terceira abertura, do «Tannhäuser» e do «largo» de Haendel. Só há de falar da execução que não foi dos mais brilhantes, a não ser na formosíssima página de Haendel, repetida e certamente trisada se fosse a fazer-se a vontade ao público.

A sinfonia n.º 2 de Brahms é que obteve da orquestra uma correctíssima interpretação, fazendo-se assim realçar todas as belezas que a ornem. Os dois andamentos centrais foram quasiimpeccavelmente tocados e é de esperar que em futuras audições atinjam maior relevo ainda.

A suite asturiana de R. Villa é uma obra curiosa como desalinadamente na correlação melódica, tecnicamente não assume uma importância de maior. O compositor é demasiado romântico na orientação que lhe dá e isso prejudica a feição modernista que muito bem podia ter-lhe sido dada.

N. de B.

Réclames

—A entrada de um jornalista na jaula dos tigres, que hoje se verificará no Coliseu dos Recreios, dá ao espectáculo que ali se realiza fôros de sensacional. Eduardo Frias, aceitando o convite feito pelo domador Franchi aos jornalistas portugueses para se deontarem com os seus terríveis felinos, mostra uma coragem invulgar que é digna de todos os louvores. A completor o programa exibir-se-ão todas as grandes atracções da companhia de circo, que tem no seu elenco numeros de valor como o de Bill, o extraordinário equilibrista que tanto assombro tem causado.

Também se incluem neste programa extraordinário as magníficas estreias de ontem: Três cavalos em liberdade, a «écuyère à panneau» Melle. Olga e a Batuda Americana.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25\$00. Extrações sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchê». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

TIVOLI

Telefone II 5474
A's 8 3/4

O Leão da Mongólia

Superfilm em 8 partes com Ivan Mosjoukine e Natália Lissenko
Maravilhosa evacuação do Oriente

Dia de Pagamento

Hilarante comédia com Charlie Chapelin (Charlot)

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGÉTICO ESSENCIAL
Usado pessoalmente pelos nossos principais médicos
Superior a todas as simpatizmas nacionais e estrangeiras
LABORATÓRIOS DA FARMACIA FORMOSINHO
Praça Dos Restauradores, 13 LISBOA

PERSEGUIÇÕES

Acusação infundada
Hilário Gonçalves escreve-nos uma carta refutando a acusação que lhe fazem de ter tomado parte no assalto ao cobrador Eduardo Costa levado a efeito no dia 6 de Abril, quando o arguido, com grande número de testemunhas, pode provar que na hora que se cometeu o assalto estava muito desviado do local.

A-pesar da fragância desta contestação, Hilário Gonçalves continua preso acusado de um delito que não praticou.

DESPORTOS

CAMPEONATO DE FUTEBOL

Primeiras categorias

No encontro final da primeira volta do campeonato de Lisboa, em futebol, duas surpresas vieram esmaecer os quatro encontros de domingo. Foram os resultados do Vitória e do Casa Pia, sobre o Benfica e o Carcavelinhos.

Quando há dias dizíamos que considerávamos mais problemático o resultado do Benfica-Vitória por considerar este último como único adversário sério a derrotar pelos três primeiros classificados, no último encontro da primeira volta, parecia prevenirmos já o resultado de ontem. Assim verificou-se que o Belenenses, sem dificuldade alguma, manteve a sua primeira posição, entrando na segunda volta sem derrota alguma batendo o União Lisboa pelo mais elevado número de bolas desta época, 7-2.

O União começa agora a sentir os efeitos, já previstos e resultantes da sua invejosíssima classe, valorizada quando em sua «casa» pela exiguidade do terreno, muito seu conhecido, mas de sérias dificuldades para os visitantes, costumados a um «meio» maior.

O Sporting, sem grandes preocupações sobre o Império, que continua a ser o último classificado, entrou em campo para marcar os três pontos necessários à sua classificação, não procurando por isso desenvolver jogo emocionante de beleza e associação. Assim se explica que o Império por vezes conseguisse equilibrar o jogo, furando-lhe as rédes com o ponto de honra.

Resultado fraco, em relação ao valor do primeiro sobre o segundo.

Em Palmavã o Vitória numa excelente exibição, bate o Benfica que assim desastrosamente se afasta, em pontos, do primeiro «leader» do campeonato, embora continue em terceiro lugar. Um 1-0 não traduz na verdade o resultado do jogo desenvolvido pelos setubalenses que souberam aproveitar-se do estado péssimo do campo que o Império não havia, que há um mês competitivo-se perante o adversário e deixou-se bater, jogando péssimamente. A falta de F. Vieira, por muito que pudesse ter influido no moral do grupo, não explica a apatia com que se conduziram em campo.

Francisco Costa, substituindo o seu colega castigado, cumpriu bem o seu lugar.

Desencantado o campo do Restelo, o Casa Pia conquistou a sua segunda vitória, vencendo o Carcavelinhos por 2-1.

O grupo alcantarense, conseguindo no último minuto o ponto de honra, esteve abaixo do seu valor confirmando deste modo que, em dias de chuva, o seu característico jogo do passo curto e rápido é anulado pelos maus efeitos do tempo.

Com a derrota sofrida o Carcavelinhos cedeu o lugar ao Vitória, que vai pouco a pouco ganhando, podendo desde já ser contado como um adversário perigoso para a segunda volta.

Nas categorias inferiores

Balanço geral

Os Belenenses triunfaram do União em 2-1 e 3-1 por 1-0 e 3-0, empatando 0-0 em 4.ª. Marcaram em todas as categorias 11 bolas e sofreram duas. Registraram onze pontos e o seu adversário cinco.

O Sporting batendo o Império em segundas e quartas, por 9-1 e 3-1, respectivamente, e empatando sem bolas em terceiras categorias fez também onze pontos, enquanto o Império marca apenas cinco.

No Benfica-Vitória, foi estabelecido, em jogo, dividirem a «coisa» ao meio, marcando cada grupo oito pontos. Nas bolas marcadas teve o Benfica vantagem, fazendo seis, enquanto o seu adversário realizou apenas três. Benfica ganhou em terceiras por 2-0 e em quartas por 4-1.

O Vitória venceu também em segundas categorias, por 1-0.

No Restelo, o Carcavelinhos teve um triunfo fácil sobre o Casa Pia, em segundas e quartas categorias vencendo ambas por 6-1. Em terceiras, empataram sem marcação de bolas. Os alcantarense tiveram pois treze bolas e nove pontos, enquanto os gansos conseguiram quatro bolas e sete pontos.

Na Promoção

Nos jogos efectuados em Marvila e Sacavém, onde se encontraram os componentes do grupo A da promoção, verificou-se o seguinte resultado:

Em primeiras categorias: Ocidental vence Chelas por 3-2; Fósforos derrota o Marvilense por 6-0. Em segundas: Marvilense 6, Fósforos 1; Ocidental 1, Chelas 0. Terceiras: Marvilense 2-Fósforos 1; Chelas 5-Ocidental 0. Quartas: Marvilense 3-Fósforos 0; Chelas 7-Ocidental 0.

Bilhetes achados

Encontram-se na nossa administração 8 bilhetes para uma festa a favor de Joaquim Jorge que se deve efectuar no próximo sábado, 12, no salão da Construção Civil. Serão entregues a quem pertencerem.

ACREDITA:

A fraude geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGÉTICO ESSENCIAL
Usado pessoalmente pelos nossos principais médicos
Superior a todas as simpatizmas nacionais e estrangeiras
LABORATÓRIOS DA FARMACIA FORMOSINHO
Praça Dos Restauradores, 13 LISBOA

PERSEGUIÇÕES

Acusação infundada
Hilário Gonçalves escreve-nos uma carta refutando a acusação que lhe fazem de ter tomado parte no assalto ao cobrador Eduardo Costa levado a efeito no dia 6 de Abril, quando o arguido, com grande número de testemunhas, pode provar que na hora que se cometeu o assalto estava muito desviado do local.

A-pesar da fragância desta contestação, Hilário Gonçalves continua preso acusado de um delito que não praticou.

'A Batalha' na provincia e arredores

Montargil

As condescendências duma junta de freguesia

MONTARGIL, 6.—Existe nesta localidade, uma azinhaga pública que dava comunicação da rua de Santo António ao cemitério novo. A junta de freguesia, que nada de útil tem feito para a população, quis oferecer a referida azinhaga ao abastado proprietário Manuel de Sousa Falcão e aos industriais Manuel Carlos Macedo e António Trindade, privando muitas famílias de se utilizarem do que de direito lhes pertencia.

Alega a junta que, construída a nova estrada, aquela via (foco de inundação) não tinha razão de existir. Estamos de acordo; porém entendemos que a junta não podia dispor dos bens dos seus parquianos em benefício dum parente, afilhado ou compadre, sem previamente o ter dado a saber, a como determina a lei.

A azinhaga deveria ser vendida em hasta pública, e se aqueles senhores convinha que pagassem pelo seu justo valor.

Devia ser assim; mas, como estamos num feudo de burguesia realista com máscara democrática, tudo quanto seja serviços públicos, dos mais insignificantes ao de maior responsabilidade, são um verdadeiro caos, e a lá alguém discordar em público, que o célebre José Jordão mete logo tudo na cadeia, sem respeito pelos direitos dum cidadão.

Como este assunto é de relativa importância, divulgamo-lo para que por todo o Portugal se saiba que em Montargil, apesar de estarmos em pleno século XX, são usados ainda os processos antiquados da sua fundação, do século XV.

Um flagrante contraste

A-pesar dos agricultores, pretendem baixar os já míseros salários da classe rural, a pretexto de que tem descido o custo da vida, esta sobe assustadoramente. Assim o milho que se pagava há pouco a 6\$00 o alqueire, já custa 10\$00; a carne, que custava a 60\$00 os 15 quilos, subiu para 100\$00; o azeite já custa 6\$00 o litro. Os salários, esses chorados salários que os agricultores queriam diminuir, estão em 7\$00 e 2\$50, respectivamente para homens e mulheres.

Silves

Política com champanhe

SILVES, 6.—Aportou a esta terra algaria o celebrado comandante Cabecadas, um dos empenhados da revolução julhista. Os nacionalistas embandeiraram em arco e banquetearam-se com o conspícuo visitante num opipar festim, em que o champanhe correu em cataratas a quebrar contra uns penedinhos d'oceano.

Como era natural, murmuraram uns discursos salpicados de afirmações pífias, tendo-se zurrado o povo que não navegou nas águas do sr. comandante, ficando-se a esperança duma futura vitória conservadora.

Entim, a-pesar da agitação produzida pelo champanhe, foi um festim a meia adriça...

TEATRO GIMNASIO

A BATALHA

Enquanto os políticos ludibriam o povo, os falcateiros da finança arrancam-lhe a pele.



A luta dos corticeiros parece ir entrar numa fase decisiva

Comunicados da greve

São bem animadores os comunicados que sobre a greve dos corticeiros nos chegaram ontem de Alhos Vedros, Seixal, Amora, São Tiago do Cacém, Setúbal, Poço do Bispo, Odemira, Barreiro, Castelo Branco, Sines, Silves, Messines, Aldega de Alameda. Em todas estas localidades os grevistas, mantendo inalterável o seu espírito de resistência, todos dispostos a não consentir uma solução vergonhosa deste movimento. A preocupação dos bravos corticeiros tem sido agora a organização da defesa contra a invasão da miséria. Assim, em Silves mantêm-se uma simpática cozinha de auxílio aos pequeninos filhos dos grevistas, aos quais, devido à solidariedade que tão exuberante tem sido, é garantido um alimento razoável. No Barreiro foi nomeada uma comissão para recolher donativos, sendo valioso o concurso dos ferroviários. Das reuniões que se têm efectuado, todas as resoluções são conducentes a persistir na luta até à garantia dos salários de antes da greve. Por todas estas manifestações continuamos a augurar para esta luta um termo vitorioso.

Nota do comité da greve

Camaradas:—Ao iniciar a sexta semana de luta e ao constatar que continuais animados da melhor disposição de fazer valer a razão e a justiça que estão do nosso lado, o vosso comité salda-vos. Torpe campanha esta desenvolvida pelos nossos industriais. Apertando-nos num círculo de miséria preparam-se para gozar do nosso regresso às fábricas em situação deprimida, não se apercebendo de que uma derrota nossa seria o descalabro para eles. Depois de mais de um mês de sacrifícios, enfiados pelas necessidades de alimento revoltados pela atitude afrontosa dos que nos exploram, qual poderia ser, no caso de vencidos, a nossa acção dentro das fábricas?

Que o pensem bem os nossos industriais; a satisfação das forças novas, ao passo que o desespero nos tolherá e fará ter quilibrio pelo trabalho mal remunerado.

A luta parece-nos que irá tomar um aspecto novo, visto que para hoje está marcado um encontro entre a nossa comissão de «demarques» e a comissão dos industriais. Agora mais do que nunca é preciso que todos os grevistas saibam manter uma serena expectativa confiando no seu próprio esforço e na orientação de O comité.

Nota da comissão de demarques: Esta comissão comunica a toda a classe que entrevistou a comissão dos industriais, à qual apresentou uma proposta no sentido de chegar a um acordo para a solução do conflito latente, ficando, ela concorde com a referida proposta, resolvendo convocar a reunião da assembleia dos industriais na próxima quinta-feira, para resolver sobre o assunto.

Esta comissão mais uma vez exorta todos os grevistas a manterem-se na mesma atitude como até aqui, confiados nas deliberações da nossa Federação. — A Comissão.

Donativos para os grevistas

Um operário, 55; João Inocência da Costa, 250; Um grupo de camaradas, 600; Vinhas, 200; Metalúrgicos da firma Abel Guedes & Silva, 2450; Alberto Dias, 1500; Inácio Marques, 300; Manufactores de Lâminas de Arrentel por intermédio do Sindicato, 6450; José Inácio, 350; Avelino Canhão, 250; Quete de um grupo de sócios da Cooperativa 2.ª Comunidade, 14500; M. M., 10500; Manuel R. S. L., 10500; N. N., 2500; Lúcio, 15000; António Rodrigues Ferreira, 500; Quete tirada na Oficina Sindical da Tip. da Ass. dos Compositores, 13500; Um grupo de camaradas da Tipografia Ideal, 10550; João Maria, 5500; N. N., 2850; transporte, 52490; a transportar, 79500.

No Funchal existe um chefe de polícia provocador de desordens

No dia 3 do corrente, os corretores dos hotéis do Funchal ofereceram aos passageiros de 1.ª e 2.ª classe do vapor americano «Presidente Wilson» uma ida a terra com almoço e regresso a bordo, mediante o pagamento de 3 dollars. Alguns passageiros aceitaram, mas depois do regresso os donos das lanchas exigiram mais um dollar o que levantou, por parte dos passageiros fortes protestos contra essa exortação.

No meio da discussão surgiu o chefe da polícia marítima Leopoldo Alves, que em vez de apaziguar os contendores, ao meter na ordem os exploradores, agrediu um passageiro dando origem a que se produzisse uma grande desordem que ia tendo graves consequências, pois que uma parte dos passageiros eram italianos e poderiam exercer durante a viagem represálias sobre os passageiros portugueses.

O agredido, que era de nacionalidade americana queixou-se ao cônsul que tomou conta da ocorrência, sendo natural que o governo português ainda venha a pagar uma indemnização que sai dos nossos bolsos.

Os passageiros italianos da 1.ª e 2.ª classe manifestaram-se contra os portugueses acorrendo-os de selvagens, como se eles fossem culpados da exploração dos corretores e da selvajaria do chefe da polícia marítima.

Liga dos alunos do colégio Arriaga

Tendo reunido no dia 2 a Comissão Organizadora, no edifício do colégio, deliberou dividir-se em 4 secções: administrativa, filantrópica, festiva e desportiva, apresentando todas elas os seus trabalhos, a fim de serem submetidos às necessárias emendas na próxima reunião da Comissão, no dia 8 do corrente, às 21,30 horas, para melhor deliberar assuntos da Liga, marcando para dia oportunamente indicado a assembleia geral, de maneira a que compareça o maior número possível de antigos alunos, para a definitiva efectivação dos estatutos.

AS GREVES

A dos tanoeiros de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 8.—Continua sem solução a greve dos tanoeiros que já dura há 5 semanas. Os exportadores e o governo ainda não tomaram nenhuma decisão tendente a pôr termo a este conflito. Os exportadores persistem em viver sob o regime do vasilhame de torna-viagem como se ainda estivessemos em plena guerra, época em que foi publicada uma portaria autorizando a vinda do vasilhame armado pois que anteriormente ele era reimportado, mas vinha desarmado, em charuto. Os operários e os exportadores foram chamados ao governador civil do Porto a fim desta entidade conseguir uma plataforma conciliatória que solucionasse o conflito. Essa tentativa conciliatória foi inútil devido à atitude dos exportadores, que se mostraram renitentes declarando perante o governador civil que não queriam nada com operários. Esta atitude indica, claramente, que os exportadores têm a intenção de fazer render os grevistas pela fome.

A G. N. R., obedecendo às ordens dos exportadores-ingleses, continua praticando violências, quer prendendo, quer espancando os injustificadamente grevistas.

Os industriais continuam, ainda que por detrás da cortina, fazendo o jogo dos exportadores. O tempo se há de encarregar de os desmascarar.

Os grevistas continuam afirmando nas suas reuniões o desejo de vencer, estando dispostos a sofrer todas as contingências, tudo preferindo a entregarem-se vencidos e humilhados nas mãos dos armadores.

CRISE DE TRABALHO

Sindicato Unico Metalúrgico

Ante a aterradora crise que flagela a classe, não pode esta ficar inerte sem que sofra a exploração desenfreada do capitalismo.

Espreitando todos os nossos movimentos, ele procura dar o salto tigrino que nos agravará, mais ainda a vil condição de assalariados. Para que se obste a tal pretensão do capitalismo, é necessário que nos envolvamos numa luta contra o patronato e baixa de salário. Portanto, que todos os metalúrgicos acorram à sessão magna que se realiza hoje, pelas 20,30 horas, na sede do sindicato, rua da Esperança, 122, 2.ª. Mais se convide o pessoal de diferentes oficinas metalúrgicas a nomearem delegados à uma reunião que terá lugar amanhã, pelas 20,30 horas.

Continua aberta a inscrição dos operários sem trabalho, na sede do sindicato, todos os dias úteis das 20 às 22 horas.

Litógrafos e Anexos

Ontem reuniu o pessoal da litografia Mata, no seu sindicato, para tomar resoluções respeitantes à casa onde trabalham, visto a mesma há pouco ter fechado. Constatou-se pelo decorrer da reunião que este pessoal foi readmitido na sua quase totalidade, com os salários que auferiam até à data do seu encerramento.

O sindicato dos operários litógrafos declara que na sua nota inserta nas colunas da «Batalha» no dia 5 não se refere ao sr. Eduardo Ferreira, director gráfico da revista «Actualidades», mas sim a um «alma danada» que toda a classe conhece e que em todas as reivindicações da classe tem demonstrado o seu rancor pela classe litográfica. Ainda o sindicato declara mais que o sr. Eduardo Ferreira firmou documentos aos seus operários onde declara que não reduz salários aos seus operários mantendo os actuais. Declarou aquele senhor também ao secretário geral do sindicato que não tem ligações directas ou indirectas com os industriais de litografia, não tendo por isso quaisquer entendimentos sobre diminuição de salários nem outras pretensões dos industriais.

IMPRENSA

«Correio Olanense»

Entrou no seu 5.º ano o brilhante semanário independente «Correio Olanense», que se publica em Olhão e do qual é director o sr. Sousa Ferradeira. O número comemorativo deste aniversário apresenta um agradável aspecto gráfico e insere escolhida colaboração. As nossas felicitações.

A água do Andaluz

A comissão de defesa da água do Andaluz entregou uma representação à C. M. em que lembra que aquela água foi adquirida pelo Senado em 1524, por trinta mil réis a Fernan Martins, desembargador do Paço Real e proprietário da quinta onde está o poço da nascente. Depois de mais de dois séculos as freiras de Santa Joana reclamaram ao Senado contra o facto de Francisco G. Lima, então possuidor da quinta, tirar a água do poço para regar a horta e aquela lhes faltar. Em 4 de Abril de 1769, numa ordem ao seu pessoal, mandou o Senado destruir o engenho de nora que estava assento sobre o mesmo poço dizendo que a água era própria do público e não de particular. E assim no decorrer dos séculos se fez respeitar o direito da população ao seu livre da água.

A representação frisa ainda o facto, recente, de ser a Câmara que mandou proceder, por sua conta, às obras de beneficiação do poço da nascente, e quando estas estavam a concluir pela construção da abobadilha que deve cobrir o poço referido aparece o actual proprietário do quintal onde este se encontra, a exigir que a Câmara mande colocar uma bomba na referida abobadilha para os locatários do quintal tirarem a água do poço. Pretende-se assim, e por novo processo, esgotar o poço tirando-lhe a água para uso privado. Protesta a comissão contra essa pretensão por o proprietário do quintal não ter direito ao uso particular da água. Finalmente, a representação pede à Câmara Municipal que tal não consinta e mande tapar herméticamente o referido poço.

A comissão conserva-se em sessão permanente, e já reuniu com a Junta de São Sebastião da Pedreira que está absolutamente de acordo sobre o assunto.

CARTA DE COIMBRA

A selvajaria dum industrial e uma proesa da G. N. R.

Acabam de nos relatar um facto que indigna pelos requintes de ferocidade manifestados por um senhor industrial, criatura que, aliás, ainda há bem poucos anos era um simples trabalhador e como tal sofria as privações que, no geral, atingem todos os assalariados.

Parece que não se lembrando disso, este senhor, uma vez estabelecido, começou logo a manifestar uma completa ausência daquela sensibilidade inata em todo o homem de sentimentos, pois a sua oficina ficou logo sendo olhada como uma autêntica roça, devido aos actos de violência ali praticados contra o pessoal.

Segundo as informações que nos dão, o pessoal daquele senhor escusa de esperar qualquer espécie de consideração, pois na sua oficina apenas se conservam aqueles operários que se limitam a ser máquinas de produção.

Relatemos o caso:

Na última terça-feira, na oficina de metalurgia de António Ferreira Galinha, sita às Escadas do Liceu, estando a trabalhar o operário Júlio Guedes, de 20 anos de idade, residente no Calhábé, na reparação de qualquer peça para um automóvel, o patrão sem motivo algum—cremos que estava dando qualquer explicação sobre o trabalho—vibra uma violenta bofetada no operário.

Como este, num legítimo direito, verberasse o incorrecto procedimento do patrão, foi, em acto contínuo, despedido, ao que o acoeceu, sem contudo, deixar de protestar contra a vilania. O patrão em face desta atitude avançou novamente sobre o operário, mas desta vez armado dum comprido e pontagudo ferro e descarregou-o covardemente na cabeça do rapaz, que caiu redondamente no chão a esvaír-se em sangue. Atordoados, levantou-se como pôde, mas surge-lhe pela frente um grande valente, o irmão do industrial, Albano Ferreira Galinha, que apesar de ver o homem ferido, não contém a eufória e o põe-o violentamente pela porta fora. Este gesto, só digno dum facinoroso, ainda indigna mais pelas circunstâncias em que foi praticado, pois que outro intuito não teve, de certeza, senão o de se tornar agradável ao maninho patrão.

Estivemos a falar com a vítima e tivemos ocasião de observar o estado lastimoso em que ficou. A família do agredido vai chamar à responsabilidade os autores da valentia. Não queremos terminar, sem verberar a atitude do restante pessoal da oficina que, ao ver o seu camarada gravemente ofendido, não esboçou o mínimo gesto de revolta, assistindo a toda a cena numa impassibilidade pasmosa. Lamentável, pelo triste sintoma que revela.

—E' pecha antiga. Os da brisa não podem andar muito tempo sem darem que falar de si.

Quando nós julgamos que estes «ilustres» mantenedores da ordem estão regenerados de culpas antigas, surge logo qualquer facto que vem desmentir solenemente que eles e só têm regeneração possível quando o povo lhes fizer sentir, com argumentos de peso, que os deseja ver com muita saúde... pelas costas!

Mas... enfim! Enquanto esse dia não chega, vamos lá relatar mais esta proezainha: Ontem, pelas 20 horas, junto às grades da cadeia de Santa Cruz, encontravam-se algumas crianças a brincar, saltando o gradeamento. Como fossem a passar dois guardas republicanos, a paisana, e, naturalmente, temendo pela integridade do gradeamento, um deles, cheio dum zelo só digno dum bom guarda republicano, agarra uma das crianças e aplica-lhe uns poucos de pontapés como «castigo pelo grande crime de fazer das grades balancé...

Como houvesse, uma mulher, Leonarda de Jesus, que verberasse com indignação o acto de covardia do guarda, este valentemente puxa dum pistola e ameaça a mulher de lhe estoirar os miolos! E' preciso frisar que tanto este valente como o seu companheiro se encontravam em manifesto estado de embriaguez. Valeu à pobre mulher a enérgica intervenção do civil sr. José Pedro dos Santos, que com a sua atitude poz os guardas em fuga.

O mais interessante é que um polícia cívico que assistiu à cena, não se dignou intervir, ou por ter medo da pistola, ou então—o mais certo—por ser oficial do mesmo officio...

...E ainda são capazes de nos dizer que a tropa é uma escola de civismo!...—C.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Aniversário da Secção dos Carpinteiros Cívicos de Lisboa

A Secção Profissional dos Carpinteiros Cívicos de Lisboa foi, por motivos de força maior, levada a adiar a festa comemorativa do seu aniversário que devia realizar-se no dia 29 de Novembro p. p., para o próximo dia 13.

O programa definitivo da festa consta do seguinte: A's 12 horas, sessão solene do aniversário da fundação da Associação dos Carpinteiros Cívicos, inauguração da nova bandeira, desceramento dos retratos dos falecidos camaradas Gualdino Rosa e Francisco Rodrigues, acto a que assistirão as viúvas dos homenageados.

A's 14 horas, palestra pelo camarada Santos Arranha sobre «O valor da associação», seguida de matine pelo Grupo Dramático da Construção Civil, que representará «O triunfo», em 1 acto, e «Um ano depois», comédia em 1 acto.

Funcionará uma quermesse durante os intervalos, para a qual se espera ainda a oferta de brindes. A entrada é livre. Esta festa será abrilhantada por duas bandas de música.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

N. J. S. de Évora.—Continuamos esperando pela resposta. Não recebemos nem antes nem depois do dia 2, conforme mandastes dizer delegado.

CONFERÊNCIAS

Universidade Popular Portuguesa

Na sede desta Universidade, rua Particular, à rua Almeida e Sousa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma conferência subordinada ao tema: «O Portugal de outrora e o Portugal de hoje», sendo conferente o estudante sr. Francisco de Assunção Carneira Júnior. Em seguida haverá sessão cinematográfica educativa.

«A vida política e social na Rússia sovietista»

Realizou no passado domingo a sua 1.ª conferência sobre a Rússia actual, na Escola Oficial n.º 1, o professor sr. César Pôrto, há pouco regressado da república bolchevista, onde foi assistir a um congresso pedagógico.

Contou-nos ele o que com seus próprios olhos viu naquele imenso país, assim como as impressões colhidas directamente—sem a intervenção dos suspeitos intérpretes oficiais—de pessoas que ali encontraram, falando francês, inglês, alemão ou espanhol.

Da sua exposição na Rússia não existe nem liberdade, nem igualdade, essas duas únicas aspirações que em todos os tempos, tem levado as massas escravizadas, amantes da paz e da tranquilidade, a lançarem-se em lutas cruéis e dolorosas contra aqueles que violentamente as oprimem e as exploram.

Politicamente, segundo as suas palavras, só domina na república dos soviets a vontade rígida do partido comunista.

E' ele que faz, e ganha por processos habilidosamente estudados, todas as eleições, tal como entre nós o partido democrático, que nas mesmas condições se encontra senhor do poder.

Não é lá permitida a existência dum oposição, não havendo, por conseguinte, liberdade de reunião ou de expressão de pensamento. E' aplicada a mais rigorosa censura a todas as publicações, censura que até se exerce nos correios, e à saída do país.

Mas ao mesmo tempo que se torna por este modo impossível na Rússia fazer a propagação da verdade, dá-se, por outro lado, ampla liberdade no domínio religioso à propagação da mentira.

Neste domínio até quasi que se pretende fundar um novo culto à volta da divindade leninista, conservando-se o cadáver embalado do famigerado ditador cercado dum verdadeiro aparato teatral, de forma a impressionar o espírito inculto da massa popular, e a mantê-la naquele embrutecimento tão propício à resignação e à submissão que os senhores desejam que exista na mente dos escravos.

E economicamente nada existe também ali realizado que de longe mereça o nome de socialismo, havendo, ao lado das Cooperativas do Estado, empresas industriais particulares, explorando os trabalhadores sob o mesmo regime do salariato dos países capitalistas.

Mas, a pesar de considerar todos estes fenómenos bastante graves, o sr. César Pôrto declarou que o actual regime marcava um progresso em relação ao passado. E a comprovar esta sua afirmação, indicou entre outros como exemplos: a reforma do ensino—embora ainda também cheia de dogmas—e a liberdade de se poderem publicar livros em língua não russa, o que não existia no tempo do tsarismo. No entanto, não acrescentou se isto era uma conquista das massas revolucionárias ou transigência com elas dos actuais governantes, ou se era obra espontânea e sincera dos ditadores bolchevistas.

Na exposição dos factos observados, que o orador acompanhou de explicações e comentários, houve para nós uma lacuna: foi a de não fazer uma distinção fundamental entre o movimento revolucionário da massa e as suas consequências, dum lado, e a acção do governo dos comissários do povo, do outro. Não se fazendo essa distinção, dá-se lugar a confusões e a que se atribua às vezes ao governo bolchevista benefícios conquistados pelo povo em revolta, e cuja realização esse governo até procurou contrariar.

Por exemplo, disse o sr. César Pôrto que o governo teve muitas dificuldades a vencer, primeiro que pudesse realizar a sua obra transformadora; e entre essas dificuldades referiu-se às guerras civis. Ora, é preciso notar-se, que houve lutas intestinas, como a dos maknovistas na Ucrânia, que foram unicamente da responsabilidade dos bolchevistas e cuja sufocação representou um retrocesso para a revolução.

Portanto, um dos factores que o orador apresentou como uma atenuante da obra pouco socialista dos marxistas russos, é pelo contrário uma formidável condenação dos processos reaccionários, e portanto anti-progressivos, por eles usados depois da conquista do poder.

Desde que o assunto da conferência tomou uma certa feição crítica, entendemos que o orador, para se manter no terreno da imparcialidade, devia ter levado a análise dos fenómenos observados até mais longe.

Assim, ao constatar o fracasso da experiência marxista na Rússia, logo que se abalçou a fazer várias interrogações para o explicar, era lógico que também perguntasse: «será o retrocesso dos bolchevistas ao burguesismo no comércio e na pequena indústria a realização das previsões feitas por Bakunine de que o socialismo jamais se realizaria pelos processos autoritários preconizados por Marx?»

Para que realmente a conferência correspondesse absolutamente às palavras de neutralidade com que o orador a precedeu a modo de preâmbulo, achamos que se devia ter limitado a lembrar: 1.º que na Rússia durante a conflagração europeia os trabalhadores tinham derrubado o regime de Kerensky aos gritos de: «Abaixo a guerra!» «Paz imediata!» «A terra para os camponeses, a fábrica para os operários!» «Todo o poder para os soviets!» 2.º que nessa ocasião os marxistas tinham subido ao poder aceitando e proclamando esses pregões revolucionários; e em seguida até relatar o que disto havia actualmente realizado.

Quanto aos comentários, às explicações e às justificações, seriam depois feitas para si pelos ouvintes, conforme a sua ideologia, as suas convicções e os seus conhecimentos dos fenómenos sociais.

De contrário—desde o momento que não se proceda a uma análise profunda de todos os factores, estranhos à vontade do partido bolchevista, que concorreram para o que de bom tem a actual situação da Rússia,—é fazer, sem querer, propaganda favorável a

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne amanhã, às 21 horas.

Conselho Confederal

Reúne depois de amanhã, às 21 horas.

C. S. T.

Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão pró regresso dos deportados, juntamente com a comissão instaladora.

COMUNICAÇÕES

União Ferroviária.—Tendo na assembleia geral realizada em 4 do corrente, sido apreciado um manifesto que foi editado pelos corpos gerentes do Sindicato da Companhia Portuguesa que inventa coisas inconcebíveis, insinuando a Federação dos Trabalhadores dos Caminhos de Ferro de Portugal e Colónias, com quem a União Ferroviária se encontra identificada e incondicionalmente aderente, constatou que tal provocação a vem atingir, forçando-a, assim, simultaneamente a manifestar o seu espírito de coesão e solidariedade aos camaradas da C. P. não podendo, porém, deixar de verberar o procedimento renitente dos corpos gerentes do seu sindicato que, com fins inconcebíveis, sistematicamente têm procurado entravar a marcha e, consequentemente, a vida da Federação, cuja classe, antes de eleger a actual comissão administrativa para o sindicato, se encontrava de facto também aderente.

Este conflito existente entre a comissão administrativa do Sindicato da C. P. e a Federação, já foi devidamente explanado pelos delegados ao conselho federal apreçado o seu relatório nesta assembleia, constatando-se que de novo se agravou com a publicação do aludido manifesto, onde a comissão administrativa persiste no seu rotineirismo de acusar a Federação de que é uma questão de dinheiro—que, simultaneamente atinge os sindicatos aderentes—e isto no firme propósito de favorecer os seus desígnios intoleráveis, pretendendo, desta feita, mover os ferroviários da C. P. a desligarem-se da Federação, o que por esta assembleia foi classificado de pretenciosa traição às nobres tradições da sua classe que tão grande exemplo demonstrou quando do Congresso Ferroviário para que se constituísse a Federação como organismo centralizador dos ferroviários organizados.

Nesta conformidade, a mesa da assembleia geral, cumprindo as determinações da classe, demonstra à comissão administrativa do Sindicato da C. P. que a Federação não deve ter uma vida de intermitências e, por tal motivo, presta a máxima solidariedade à comissão executiva da sua Federação, no sentido de publicamente afirmar a confiança recíproca deste organismo, a fim de desmerecer e repudiar os caluniadores e prosseguir mantendo a directriz que o conselho federal lhe marcou, e exortando os ferroviários da C. P. a que se capacitem de que a luta exacerbada pelos dirigentes do seu sindicato é hostil e atrofiadora, aniciando-lhes porque lutem obstinadamente para que seja modificado o ambiente em que está colocado o seu sindicato com a Federação, provando, assim, que é uma classe consciente e organizada.

As classes ferroviárias devem congregardos os esforços no sentido de prestar a máxima solidariedade à Federação a fim desta conseguir coroar de êxito as reivindicações da classe directamente visada e procurar no mais curto espaço de tempo a organização do seu II Congresso Corporativo.

Uma certa tendência política, o que estamos convencidos não está no espírito do orador.

Na sede do Gremio Excursionista Civil do Monte, rua da Graça, 162, 1.º E., realiza hoje uma conferência o dr. Alfredo Guizado sob o tema «O forno crematório, suas vantagens e fins».

A sessão, que é pública é presidida pelo dr. sr. Marçalhes Lima.



Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º—A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos: 1.º—O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física; 2.º—Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariato e do patronato, e posse de todos os meios de produção; 3.º—Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «São Miguel» são hoje expedidas malas postais para a Madeira e Açores. A última tiragem de correspondência da estação central efectua-se às 7 horas e no caso de Santos recebe-se correspondência até 15 minutos antes da saída do vapor (10 horas) pagando a sobretaxa de 20 por objecto.

Também por via Marselha se expedem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau, sendo a última tiragem da caixa geral às 11,30 horas.

tivo, do qual sairá maior vitalidade, de molde a acabar com estas anomalias, e o maior robustecimento para as classes ferroviárias, visto serem estes os desejos de todos os camaradas conscientes, despidos de paixões descriptórias.

Oficiais da Marinha Mercante.—Em reunião de assembleia geral ficou resolvido que uma comissão entrevistasse o ministro da Marinha sobre a alteração ao decreto referente às cartas de categoria. No próximo mês deve reunir a assembleia a fim de nomear os delegados ao conselho de marinha mercante.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Pessoal de Câmaras da Navegação de Longo Curso.—Pelas 18 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos:

Nomeação de delegado da classe; Apreciação do pedido de demissão do escritório do sindicato, e outros assuntos de alta importância para a classe.

Sindicato Unico Mobiliário.—A's 21 horas, em assembleia geral, com a ordem de trabalhos já anunciada.

—Convinda-se todo o pessoal das casas Serafim & Machado e António Alves do Couto, a comparecer às 20,30 horas, para tratar de um assunto de interesse.

A mesma hora devem comparecer todos os membros da comissão de resistência para reunirem juntamente com a comissão administrativa.

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Para assunto de urgência, convinda-se os delegados das Secções profissionais dos Carpinteiros e Estuadores a comparecerem na sede às 13 horas.

Secção Profissional dos Cantoneiros e Polidores de Marmore.—Para assuntos de alta importância e inadiável resolução, pelas 20 horas em assembleia geral.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação da Construção Civil.—Reúne amanhã pelas 20 horas, o Conselho Federal.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato Unico Metalúrgico do Porto.—Para efectivar o levantamento da organização metalúrgica do norte, realiza este Sindicato nos próximos dias 12 e 13 do corrente, respectivamente, às 21 e 15 horas, sessões de arte. Atendendo a que o programa é atraiante e o objectivo é simpático é de crer que o proletariado da cidade do Porto acorra em grande número a este festival operário.

Os convites distribuem-se na sede do Sindicato à Rua de Camões, 364, 2.º.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Comissão Organizadora do II Congresso Nacional.—Reúne hoje, pelas 20,30 horas.

Núcleo de Lisboa.—Comissão de Educação e Propaganda.—Reúniu ontem, tendo apreciado entre outros assuntos, a possibilidade da criação dum orfeão das Juventudes Sindicalistas.

Secretariado Central.—Reúne depois de amanhã, pelas 20,30 horas.

Orfeão.—Pretendendo a Comissão de Educação e Propaganda organizar um orfeão com elementos do Núcleo da Juventude Sindicalista, espera que todos os filiados que dele queiram fazer parte se inscrevam na sede do Núcleo. Convmem que a inscrição se faça num curto prazo de tempo, para se deduzir, do número dos inscritos, se há ou não possibilidades de levar à prática o desejo que se formula.

Cruz Vermelha

Durante o mês de Novembro último, a Cruz Vermelha Portuguesa, transportou nos seus automóveis 444 feridos, e doentes aos Hospitais de Lisboa, sendo 24 de Marvila, 5 dos Olivais, 8 de Colares, Dafundo, Braço de Prata, Estoril, Parede, Belas, Sacavem e Caselas. 5 de Chelas e os restantes 402 de vários pontos da cidade.

A Voz da Cadeia

Correio dos presos
Canha—O dr. Mário Monteiro vai a Santarém.

Lêr: O último número da revista gráfica quinzenal de novos horizontes sociais
Ler nos dias 1 e 15 de cada mês a revista Editada pela Secção Editorial de A BATALHA
Arte, literatura e actualidade

Acontecimento editorial:

Almanaque de A BATALHA

para 1926

E' posto à venda entre os dias 10 e 20 do próximo mês de Dezembro o Almanaque de «A Batalha» para 1926. Forma um volume de 160 páginas e contém além de muitos retratos e fotografias de acontecimentos, a seguinte interessante matéria:

O almanaque do ano. Indicações úteis. Resumo diário dos factos notáveis da vida operária portuguesa. Os grandes acontecimentos mundiais. Militantes e propagandistas mortos. Organizações sindicais. Legislação operária. Endereços dos organismos operários nacionais. Ameniidade científica, filosófica, artística e revolucionária.